

Paraepistemologia: Bases Gnoseológicas para a Autorresponsabilidade Evolutiva

Paraepisthemology: Gnoseologic Bases for Evolutionary Self-responsibility

Paraepistemología: Bases Gnoseológicas para la autorresponsabilidad evolutiva

Diogo Moura*

RESUMO: Dentre as diferentes formas de estudo dos fenômenos parapsíquicos, o presente artigo se aprofunda na ciência da autopesquisa. Todo ramo científico requer base epistemológica que o sustente. Os estudos dos fenômenos parapsíquicos, incluindo a autopesquisa, exigem tal base filosófica. Este trabalho propõe ensaio gnoseológico para fenômenos parapsíquicos visando embasar a Paraepistemologia da autopesquisa multidimensional. A maneira de o pesquisador lidar com a autopesquisa obteve repercussões metodológicas a partir desse exercício filosófico, o qual vinculou o conceito de autorresponsabilidade evolutiva à autopesquisa, sendo ilustrada pela casuística do autor.

PALAVRAS-CHAVE: autopesquisa; evolução consciencial; Paraepistemologia.

ABSTRACT: Among the different ways to assess parapsychic phenomena, this paper focuses on self-research procedures. As every scientific area requires an epistemologic basis, also the study of parapsychic phenomena, including self-research, demands such philosophical basis. The present work proposes a gnoseologic assay for parapsychic phenomena aiming to shine some lights on multidimensional self-research Paraepisthemology. The way this researcher coped with self-research had methodological repercussions after that philosophical exercise; the concept of evolutionary self-responsibility can be linked to self-research, as illustrated by the author's study of case.

KEYWORDS: self-research; consciencial evolution; Paraepisthemology.

RESUMEN: De entre las diferentes formas de estudio de los fenómenos parapsíquicos, el presente artículo se profundiza en la ciencia de la autoinvestigación. Cualquier campo científico requiere base epistemológica que lo sostenga. Los estudios de los fenómenos parapsíquicos, incluyendo la autoinvestigación, exigen tal base filosófica. Este trabajo propone ensayo gnoseológico para fenómenos parapsíquicos buscando embasar la Paraepistemología de la autoinvestigación multidimensional. La manera de este investigador lidiar con la autoinvestigación hizo con que tuviera repercusiones metodológicas a partir de ese ejercicio filosófico, al cual ha

*Médico. Voluntário do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC). diogotdmoura@gmail.com

vinculado el concepto de autorresponsabilidad evolutiva a la autoinvestigación, siendo ilustrada por la casuística del autor.

PALABRAS CLAVE: autoinvestigación; evolución concienical; Paraepistemología.

ESTRUTURAÇÃO

O presente trabalho está dividido em seções. Na *Introdução* há breve apresentação e contextualização da Paraepistemologia. Na sequência, é apresentado o *Paradigma Consciencial*, que embasa as teorias defendidas neste artigo. No *Ensaio da Gnosiologia Paraepistemológica* é proposto modelo paraepistemológico da construção do conhecimento pelo sujeito, estando dividida em duas subseções. Em seguida, têm-se as seções aplicadas nas esferas da *Autopesquisa*, *Heteropesquisa* e *Autorresponsabilidade Evolutiva*, sendo apresentada, na Autopesquisa, a *Casuística de Autopesquisa do Autor*.

INTRODUÇÃO

O homem ocidental buscou o entendimento científico do Mundo desde a transformação paradigmática introduzida pela invenção da Filosofia e da Física com os filósofos pré-socráticos. Galileu prosseguiu com a teoria heliocêntrica de Copérnico e, colaborado pelos estudos orbitários precisos de Kepler, realizou a Revolução Científica ao introduzir a experimentação e matematização do conhecimento (VAN DOREN, 2012; CAPRA, 2014).

O conhecimento científico tem sido desde então aprimorado por inúmeros pensadores, desde Descartes, Newton, Bacon, Hume, Kant, Popper, Thomas Khun dentre outros, configurando a Ciência Moderna (CAPRA, 2014; ARAÚJO, 2012; KHUN, 2013; VUGMAN, 2013).

Esse entendimento aprofundou-se no conhecimento do mundo externo ao sujeito, provendo-nos conhecimento técnico-científico especializado e grandes avanços. As bases de tal ciência encontram-se bem estabelecidas, com métodos epistemológicos fundamentados.

O mesmo não se pode dizer acerca do mundo interno ao sujeito, principalmente quando se trata do estudo de questões que fogem à experiência comum ou ordinária do indivíduo (CHIBENI e MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

Essas experiências são designadas paranormais, anômalas ou parapsíquicas: clarividência, precognição, retrocognição, telepatia, sonho lúcido, projeção consciente, entre muitas outras.

A possibilidade da existência desses fenômenos viabiliza a hipótese da existência extracorpórea da consciência, sendo a mente independente do cérebro, não subproduto, mas gerente do mesmo. O cérebro funcionaria, por sua vez, como interface à mente humana, ou à consciência, que possuiria origem extrafísica.

Na Filosofia da Mente, que aborda a relação mente-cérebro, essa óptica relaciona-se ao dualismo de substância, em contraposição ao dualismo de propriedade e ao monismo (VICTORINO, 2009).

No dualismo de propriedade a mente seria entidade não física, epifenômeno da atividade cerebral, de modo a depender da atividade cerebral para a sua emergência.

No monismo (materialismo ou fisicalismo), a mente seria entidade física e resultado direto da bioquímica neurológica do córtex cerebral, possuindo identidade biológica.

Ambas as teorias desconsideram a hipótese da existência extrafísica da consciência, ou seja, independente do cérebro.

A hipótese da origem extrafísica da consciência, consonante com o dualismo de substância, pode conduzir à noção de que qualquer ser humano possui capacidade sensitiva ou parapsíquica.

Sendo experiências subjetivas, o que um indivíduo experimenta não é exatamente transferível e reproduzido aos demais.

No estudo desses tipos de fenômenos o objeto de pesquisa seria a percepção subjetiva do indivíduo, o que permite duas abordagens.

Esse estudo poderia ser desenvolvido no paradigma científico da Ciência Moderna, ou convencional, em que o sujeito não interfere no objeto de pesquisa. Nesse caso, os cientistas analisarão o parapsiquismo de outros, que servirão de objeto para o estudo.

Outra abordagem possível é o objeto de estudo ser o próprio sujeito pesquisador. Esse método, por sua vez, permite que o indivíduo estude o parapsiquismo pela própria experimentação, ou seja, autopesquisa parapsíquica. Aqui, o laboratório de estudo é o pesquisador e sua própria consciencialidade (VIEIRA, 2009; CAMILLO, 2014).

Visando melhor compreender os fenômenos parapsíquicos e atestar sua veracidade, estudos foram realizados desde o fim do século XIX, a partir das pesquisas da Metapsíquica e, no início do século XX, pela Parapsicologia (VIEIRA, 2009).

Na Parapsicologia, os pesquisadores estudam esses fenômenos com experimentos controlados e análises estatísticas. Esses cientistas buscam entender os fenômenos parapsíquicos pesquisando pessoas consideradas sensitivas, mediúnicas ou paranormais. Portanto, seguem o paradigma científico convencional, separando sujeito e objeto de pesquisa (TINOCO, 1993).

Alguns experimentos mostraram resultados estatísticos e reforçam a real existência dos fenômenos (TART, 2012). Porém, a comunidade científica desvaloriza tais resultados, seja pela própria proposta do estudo, seja por críticas metodológicas (SCHWARTZ *et al.*, 2014; MOREIRA-ALMEIDA, 2013). Ademais, mesmo nessa modalidade científica ainda falta embasamento epistemológico às pesquisas e métodos (TINOCO, 1993).

As lacunas epistemológicas da Parapsicologia abrem espaço para o ressurgimento da Psicologia Anomalística, que retoma o estudo das experiências anômalas no ambiente acadêmico e científico (SILVA, 2015).

A Psicologia Anomalística, ao contrário da Parapsicologia, deixa de ter abordagem prioritariamente ontológica nas experiências anômalas e passa a tratá-las em contexto psicossocial, com enfoque psicológico dos envolvidos nessas vivências (SILVA, 2015).

Apesar da indiscutível importância da metodologia científica da Ciência Moderna, a separação sujeito-objeto impossibilita fazer ciência de maneira integral quando se trata do estudo da consciência em si (VUGMAN, 2013; CAMILLO, 2014; ALMEIDA, 2011).

Considerando a hipótese da realidade extrafísica da consciência, não haverá outra maneira de evidenciá-la, senão os pesquisadores contatarem a realidade própria pela autoexperimentação e autopesquisa.

A pesquisa científica desse objeto de estudo pelo método convencional, apesar de importante, gera conhecimento indireto e mais superficial, já que não se relaciona com a própria consciência, o cerne do estudo.

Ainda que houvesse tecnologia científica avançada o suficiente para comprovar a existência extrafísica da consciência, esse resultado não teria valor intraconsciencial, ou seja, os sujeitos não experimentariam essa realidade.

Essa realidade extrafísica poderia ser apenas suposta ou tornada mais provável, mero dado sem valor prático à consciência em seu íntimo, não aprimorando, de maneira integral e profunda, sua maneira de lidar com o Mundo.

Já a autopesquisa aumentaria a liberdade do pesquisador, pois lhe propicia o controle da pesquisa de suas vivências.

No entanto, se nas pesquisas parapsíquicas convencionais existem dificuldades em relação à sua validação, na autopesquisa elas se multiplicam (ALMEIDA, 2011).

Como considerar verossímil aquilo que se experimenta na autopesquisa? O que o sujeito experimenta é real ou criação, fantasia, mera indução psicológica, ou seja, algo em que o indivíduo quer acreditar? Como tratar as informações de outros autopesquisadores, ou seja, a heteropesquisa? Que critérios reforçarão ou invalidarão as hipóteses de autopesquisa e heteropesquisa? Esses são alguns desafios enfrentados no estudo dos fenômenos parapsíquicos pelo próprio pesquisador enquanto objeto (SCHLOSSER, 2011).

Ademais, na autopesquisa enfrentam-se questões existenciais que o ser humano sempre lidou em suas culturas, tradições, credos, religiões e espiritualismos. Ensejando outros questionamentos, como: o que ocorre à consciência após perder o corpo físico? Existe alguma ordem em nossa existência? Qual é o nosso papel no universo? Temos alguma função? (VUGMAN, 2013).

Tais características requerem epistemologia da autopesquisa parapsíquica, do estudo da consciência sobre si mesma, da pesquisa da autoconsciência.

A Conscienciologia é um dos ramos de conhecimento que propõe uma ciência da autoconsciência pela autopesquisa multidimensional, que inclui o parapsiquismo e outros princípios que compõem o Paradigma Consciencial, fundamento da neociência (VUGMAN, 2013; CAMILLO, 2014; ALMEIDA, 2011).

Apesar de seu avanço e crescentes subespecialidades, ainda falta à Conscienciologia estruturação detalhada de sua epistemologia.

A Epistemologia trata especialmente do saber científico, a Filosofia da Ciência, e poderá trazer as possibilidades da Ciência, a maneira pela qual é construída (gnosilogia), os seus limites, bem como as metodologias que poderiam ser utilizadas (ARAÚJO, 2012).

À Gnosilogia, ou Teoria do Conhecimento, cabem os seguintes questionamentos: como o conhecimento é produzido, quais são suas fontes? É possível conhecer a realidade do Cosmos? O que se atinge por meio do conhecimento é confiável? Qual o papel da subjetividade? (ARAÚJO, 2012).

Este artigo apresenta ensaio sobre o que seria a Paraepistemologia em termos gnosiológicos, analisando possíveis utilidades e consequências da Paraepistemologia na pesquisa da autoconsciência.

A Paraepistemologia é subespecialidade da Conscienciologia, é a Epistemologia da multidimensionalidade e do parapsiquismo, ou seja, é o estudo da origem, natureza, valor e produção parapsíquica do conhecimento (CAMILLO, 2014; ALMEIDA, 2011; SCHLOSSER, 2011; VIEIRA, 2012).

A construção gnosiológica da Paraepistemologia perpassa conceitos que intentam explicar satisfatoriamente os fenômenos parapsíquicos.

Dentre esses conceitos estão, principalmente, o Psicossoma, ou a Hipótese do Corpo Objetivo, e as Bioenergias. Ambos vinculam-se às experiências parapsíquicas e são detalhados no tratado Projeciologia, de Waldo Vieira, propositor da Conscienciologia e do Paradigma Consciencial (VIEIRA, 2009).

Tão importante quanto o manejo gnosiológico da Paraepistemologia são as análises e os questionamentos prévios acerca da cientificidade do próprio Paradigma Consciencial (VUGMAN, 2013).

Contudo, apesar das ferramentas de autopesquisa para esse tipo de análise aqui apresentadas, tal orientação escapa ao escopo deste artigo, merecendo produção de material específico.

O PARADIGMA CONSCIENCIAL

Pelo Paradigma Consciencial, o *Psicossoma* é o veículo pelo qual a consciência se manifesta na dimensão extrafísica, supostamente um veículo objetivo, ou seja, real.

É um dos componentes do *Holossoma*, que integra os veículos de manifestação da consciência, cada qual funcionalmente relacionado à respectiva dimensão de manifestação.

No Universo existiriam apenas duas realidades, a Consciência e a Energia, sendo que a consciência é o princípio pensante que se manifestaria convertendo a *energia imanente* do Cosmos em *energia consciencial*.

Um dos princípios da Conscienciologia é o *Princípio da Descrença: não acredite em nada, nem mesmo no que ler neste artigo; tenha suas próprias experiências e conclusões pessoais*.

O Paradigma Consciencial não exclui a existência concomitante dos paradigmas científicos convencionais. Apresenta, de fato, tanto a delimitação das fronteiras do estudo de cada paradigma, quanto à ampliação da possibilidade de fenômenos e pesquisas pelo pesquisador.

Assim, é possível extrair conteúdo deste ensaio gnosiológico independentemente dos conceitos e hipóteses que são trazidos acerca do parapsiquismo. Assim mesmo, convido o leitor a encarar os próximos conceitos e ideias de mente aberta e sem preconceitos, permitindo-se ampliar a visão de mundo pessoal, mantendo o Princípio da Descrença.

ENSAIO DA GNOSIOLOGIA PARAEPITEMOLÓGICA

Na construção do conhecimento comparecem duas realidades, o sujeito e o objeto (CAMILLO, 2014). O sujeito possui cognição, ou seja, capta ou recebe as informações do objeto. Já o objeto é cognoscível, ou seja, pode ser conhecido pelo sujeito ou entendido como a realidade externa ao sujeito.

O que o sujeito apreende do objeto não é o objeto em si ou a essência do objeto, mas sim o que o sujeito elabora por si mesmo pelo que percebe do objeto, ao modo de processador de informações.

As informações passadas pelo objeto, por si só, não contêm significado prévio e determinado que seria captado pelo sujeito, ao modo do que se interpreta no Empirismo (ARAÚJO, 2012). As informações que o objeto transmite relacionam-se à sua essência, de modo que o objeto é o que é, porém não percebemos essa sua essência, e sim o que individualmente conseguimos perceber e interpretar acerca do mesmo.

Portanto, a imagem que o sujeito possui de um objeto não se relaciona com o objeto em si, mas reflete o que o sujeito é capaz de apreender do objeto. Assim, o conhecimento do sujeito sobre o objeto limita-se pela capacidade tanto de percepção quanto de interpretação do sujeito.

O objeto ganha significado quando analisado pelo cognoscitivo, de modo que, para cada sujeito, o objeto possui determinado valor, que então se multiplica em inúmeras possibilidades, dado que cada sujeito apresenta síntese pessoal em relação ao objeto.

O sujeito, valendo-se apenas de si mesmo, não constitui sua identidade, ou autoidentidade. Por autoidentidade entenda-se a própria personalidade da consciência, seu temperamento, conjunto de valores e pensamentos, ou seja, aquilo que o indivíduo é em determinado momento ou contexto de sua existência.

A construção da autoidentidade do sujeito exige reflexo externo dirigindo-se ao sujeito, significando-o; um referencial externo que traga informações ao sujeito sobre si mesmo.

Tal autoidentidade se constitui na relação com os objetos, pois é no contato com a realidade externa que o indivíduo tanto conhecerá, quanto expressará sua realidade interna.

Sem referencial externo, não contatando outra realidade, o sujeito teria apenas a si mesmo. O sujeito não teria percepção contraposta a si e, pois, não teria percepção alguma. Nada houvesse diferindo do que o sujeito é, esse não experimentaria nada, pois sua própria constituição não seria percebida por ele mesmo.

Por exemplo, suponhamos que no Universo exista apenas a cor preta, faltando até tons de cinza a preto. Não se teria assim ideia do que seria a cor preta. Pois não teríamos nada para contrapô-lo de modo a evidenciar sua existência. Porém, se ao lado do preto colocássemos qualquer outra cor, tomemos o branco, seriam evidenciadas as duas cores. Tanto o preto quanto o branco se tornariam perceptíveis.

Esse raciocínio, se aplicado ao estudo da consciência, poderia ser usado na pesquisa do temperamento da consciência.

Assim, os objetos, através do que são, de sua essência, trazem percepção ao sujeito contraposta ao que o sujeito é, permitindo-lhe experimentar e constituir sua autoidentidade.

Portanto, na dualidade sujeito-objeto, o objeto ganha diversos significados segundo o sujeito que o observa, e o sujeito agrega significado a si mesmo quando se relaciona com o objeto.

Os objetos não se restringem ao inanimado, ou seja, não são necessariamente desprovidos da cognição de sujeito. O objeto é a realidade externa a um sujeito. Portanto, o que é objeto para determinado sujeito pode ser em verdade sujeito para si mesmo, ou seja, sujeitos também funcionam tais quais objetos para outros sujeitos.

Assim, os objetos podem ser tanto *não sujeitos* – no sentido de não possuírem cognição – quanto *sujeitos*, que servem de objeto, no sentido gnosiológico, a outro sujeito.

O sujeito ganha informações de si mesmo através do que vem do exterior tanto se relacionando com os *objetos não sujeitos*, quanto com os *sujeitos* e suas manifestações pessoais.

1. Pense e Autoidentidade

O sujeito não só se faz autoconsciente de informações que sua cognição elabora com seus pensamentos, mas pelos sentimentos que produz e sensações que experimenta, de modo que o sujeito se autodefine por seus pensamentos e sentimentos.

Aquilo que o sujeito é internamente, seus pensamentos e sentimentos, são externados constitutivamente de maneira ininterrupta. A consciência não precisa sinalizar voluntariamente o que pensa e sente para que se acesse sua manifestação pessoal. A expressão do sujeito ganha o espaço externo a si mesmo natural e involuntariamente, expandindo sua manifestação íntima.

Assim que uma consciência pensa e sente, sua manifestação fica disponível a quem estiver apto a percebê-la. Essa manifestação do sujeito requer condução que viabilize a exteriorização dos pensamentos e sentimentos, sendo realizada pelas energias (*pensenes*, *pensamentos* + *sentimentos* + *energias*). Essa manifestação pensênica é específica a cada sujeito.

Consequentemente, na relação sujeito-objeto o sujeito não contata a essência, mas as energias do objeto. No sentido gnosiológico, as energias do objeto relacionam-se à sua forma, em contraponto à essência, imperscrutável pelo sujeito.

O conhecimento se construiria na relação sujeito-objeto, ou pela relação da consciência com as energias. Essas energias podem provir tanto de *objetos não sujeitos*, quanto de objetos *sujeitos*. No primeiro caso, trata-se das energias imanentes, onipresentes no Cosmos ou Universo. No segundo, trata-se das energias conscienciais, ou seja, produzidas por uma consciência.

A consciência produz sua energia consciencial através de substrato no qual imprime sua manifestação pessoal. Esse substrato seria a energia imanente, onipresente, possibilitando a expressão energética ininterrupta dos sujeitos ou consciências.

As consciências apresentam a mesma essência, que seria a consciência em si e seu complexo *modus operandi*, extrapolando a fisiologia cerebral, sendo esse mecanismo a para fisiologia da consciência em si, a partir da qual ela constrói sua *paracognição*.

Cada consciência com suas vivências estrutura seu modo de pensar ou de conhecer. Portanto, cada sujeito é universo único de conhecimento, apesar de seus juízos poderem convergir com os de outras consciências.

Assim, cada sujeito terá de outro uma impressão única e pessoal, já que um serve de objeto cognitivo ao outro, e cada um possui cognição ímpar. Essa interação entre sujeitos, ao gerarem impressões singulares em cada um, participa na formação da autoidentidade do sujeito.

Esquemáticamente: *sujeito A* percebe *sujeito B* de maneira *a*, e *B* percebe a *consciência A* de modo *b*. *A* e *B* conflitam e contrastam um com o outro.

B, expressando sua qualidade pessoal, imprime em *A* padrão único, relacionado a *B*, de modo que a estrutura de *A*, apesar de se constituir de *A*, é alterada em algum nível, pois já não é apenas *A*; é *A*, porém com algum aspecto impresso, por mínimo que seja, de *B* (V. Figura 1).

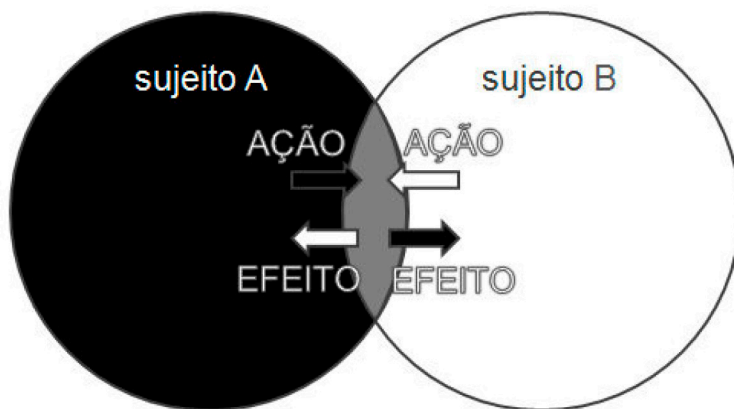


Figura 1 – Relações entre os sujeitos A e B.

A passa então a se conhecer melhor, pois experimenta a reação pessoal ao contatar o padrão *B*. O mesmo ocorre em *B* ao contatar *A*. Nesse mecanismo de autoidentidade, os sujeitos vão conhecendo a si próprios, em contato com *objetos não sujeitos* ou com *sujeitos*.

A autoidentidade funda-se em qualidades cognitivas, sentimentais e perceptivas. A percepção decorre da capacidade do sujeito de reconhecer, ou sentir, as bioenergias, universais e onipresentes. A bioenergia carrega informação ao sujeito. O sujeito sente algo por íntimo e constante contato com as

energias. Essas imprimem algo no sujeito que, por sua constituição ou essência, pode percebê-las e se perceber.

Portanto, a energia, carregada de valor sentimental, suscita no sujeito determinado sentimento e, pela vivência desses sentimentos, o sujeito vai constituindo sua autoidentidade, pois os sentimentos são como referenciais para a identidade que o sujeito constrói de si mesmo. Esse padrão adquire valor de intimidade com o qual o sujeito se identifica.

Afora valor relacionado aos sentimentos, a energia carrega pensamentos, ideias e conceitos. Esses pensamentos, do mesmo modo dos sentimentos, participam na constituição da autoidentidade do sujeito, funcionando de modo mais sutil e refinado, porém não menos intenso.

Portanto, determinada maneira de pensar, agir e reagir ao meio externo vai construindo a autoidentidade do sujeito, que se reconhece como indivíduo *X* por apresentar manifestação característica em cada fase evolutiva.

O sujeito se percebe assim existente; os sentimentos e pensamentos que embasam seus referenciais se intensificam, podendo confundir-se com o próprio sujeito; é como se constituíssem a *própria existência* da consciência, pelos quais o sujeito se autodefine.

Portanto, os pensenes sustentam a autoidentidade do sujeito e possuem *valor existencial* para a consciência.

O padrão pensênico de cada consciência, que pode ser decomposto nos atributos do pensamento (*pen*), do sentimento (*sen*) e das energias (*ene*), possui elementos preponderantes na definição da autoidentidade consciencial com maior valor existencial.

As consciências de padrão pensênico com manifestação preponderantemente carregada no *sen* do pensene possuem o valor existencial de sua autoidentidade atrelado às emoções e aos sentimentos.

Esse padrão pensênico emotivo e reativo, relacionado à psicossomaticidade do holossoma da consciência, levaria a uma manifestação mais instintual de preservação da existência, o mecanismo mais primário de autoidentificação da consciência, aproximando-se do princípio consciencial e das consciências subumanas.

Já as consciências de padrão pensênico com manifestação preponderantemente carregada no *pen* do pensene possuem o valor existencial de sua autoidentidade atrelado aos pensamentos e ideias.

Esse padrão pensênico racional e ordenado, relacionado aos atributos da cognição mentalso-mática, levaria à manifestação mais lúcida e equilibrada, considerada o mecanismo mais avançado de autoidentificação da consciência, aproximando-se das consciências evolutivamente maduras, ao modo do serenão e da consciex livre.

Tem-se, portanto, inúmeros referenciais próprios, constituídos de determinado padrão pensênico, estruturado a partir de suas séries de experimentações com o Cosmos, ou seja, com outros objetos e sujeitos.

Quando dois ou mais sujeitos interagem, existem três tipos de reação do sujeito em relação a padrão pensênico externo ou exopensene: atratividade, neutralidade ou repulsividade.

Quanto mais similares um padrão pensênico a outro, maior a probabilidade de atração entre as consciências; enquanto que padrões diferentes tendem a causar repulsão entre os sujeitos.

O tipo de reação dependerá principalmente da maturidade evolutiva da consciência.

Consciências com padrão pensênico carregado no *sen* tenderão à repulsão. Já consciências com padrão pensênico carregado no *pen* terão maior probabilidade de reagirem de maneira neutra ou atrativa frente ao exopensene.

Esquemáticamente, dois sujeitos X e Y , embora singulares, possuem padrão pensênico A predominante de manifestação, com padrões pensênicos predominantes compostos por pensamentos subjugados aos sentimentos.

Esse padrão A funciona qual referencial para suas autoidentidades, gerando valor existencial nos mesmos. Quando esses sujeitos se encontram, o padrão A de X ecoa em Y , produzindo atração pensênica entre essas consciências.

Como a interação X - Y ativa o padrão pensênico A em ambos, esses sujeitos intensificam o contato entre si reforçando esse padrão pensênico e o valor existencial agregado.

No entanto, se o mesmo sujeito X interagisse com consciência de padrão divergente, digamos, sujeito Z com padrão pensênico B , poderia haver repulsão entre as duas consciências. Pois o padrão pensênico B de Z não só deixa de intensificar o padrão A de X como também contrapõe padrão diferente em X , o que perturba a noção existencial de X , e vice-versa.

Do mesmo modo, se o sujeito Z se aproxima das consciências X e Y em conjunto, gerará contraste que desestabilizará o sistema de autoidentificação tanto de X , quanto de Y , os quais poderão evitar o contato com Z e intensificar o contato entre si (V. Figura 2).

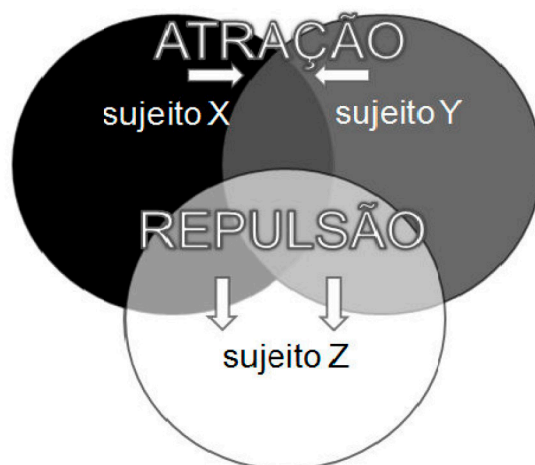


Figura 2 - Interação entre os sujeitos X, Y, Z

Tomam-se no lugar de X e Y , a título de ilustração desse esquema, duas pessoas que pertençam a um mesmo grupo. Devido a essa afinidade grupal, existe grande sentimento de afeição, fraternidade e companheirismo.

Porém, para manter esse sentimento, as reações frente pessoas divergentes ao seu grupo (no lugar de Z , por exemplo) não são cosmoeticamente medidas, gerando postura agressiva.

Além de o belicismo ser meio de preservação do grupo, a atitude bélica em si é valorizada pelas consciências do grupo, traduzindo a elas significado de temperança e comprometimento com a afeição do grupo.

Assim, quando se encontram, o padrão pensênico belicista acaba reforçado, pois participa no sistema referencial de autoidentidade de ambas com valor existencial associado.

Embebidos de tal pensenidade, o nível de juízo crítico e discernimento é incapaz de contrapor as ações bélicas, por mais que possam ser antevistas as consequências desastrosas para si e outras consciências.

Para manter a fraternidade entre si, essas consciências se mostram contraditórias ao violentar outras, seja de maneira física, verbal ou pensênica, corrompendo a fraternidade pela qual lutam: *a emotividade sobrepuja a racionalidade*.

Este exemplo pode ser utilizado em inúmeros grupos. São frequentes nos fanatismos e dogmatismos, seja em ambiente esportivo com suas torcidas organizadas, religioso e suas guerras santas, familiar e seu fechadismo, cultural e sua xenofobia, político e suas militâncias, artístico ou intelectual e seus preconceitos e intolerâncias.

Já um sujeito *L* em nível evolutivo mais avançado, possuindo padrão pensênico mais carregado no *pen*, terá lucidez de que seu padrão pensênico relaciona-se com sua existência, mas também estará cômico da ausência de vínculo absoluto entre ambos.

Assim, o sujeito *L*, ao contatar os exopenses de *X* ou *Y*, não estará submisso ao valor existencial agregado ao seu padrão pensênico e poderá acolher o padrão pensênico externo sem produzir em si mesmo reações de repulsão.

Complementando o exemplo, outra consciência mais evoluída, substituindo o sujeito *L*, trará dinâmica interconsciencial diferente ao conviver com as duas do grupo de padrão pensênico belicista. Pois, ao produzir manifestação pensênica pacífica e mentalsomática, não se acumpliciará ao padrão bélico.

Ao não corromper seu fraternismo com as posturas belicistas, gerará padrão pensênico divergente ao do grupo em questão. Esse grupo poderá reagir com repulsa, mantendo a agressividade pensênica.

Porém, o sujeito *L*, lúcido acerca do nível evolutivo desses indivíduos, não realimentará patosensibilidade bélica. Pelo contrário, produzirá reação neutra ou de atratividade, relacionada a traços conscienciais evolutivos que comungue com o grupo.

Tal postura do sujeito *L* pode estimular a reciclagem da pensenidade bélica. Se assim não for possível, o sujeito se afastará do grupo para manter sua cosmoeticidade. Assim, sua ausência no grupo poderá gerar autorreflexões relacionadas ao belicismo.

Tal atitude se esboça no desenvolvimento de tolerância e respeito entre diversos segmentos culturais e ideológicos, nos diversos tipos de reconciliações entre consciências e nas ações de assistência consciencial.

Infelizmente, a interassistência tarística e evolutiva ainda é exceção no Planeta, e acaba sendo responsabilidade daquelas consciências que possuem maior lucidez consciencial, principalmente quanto à reurbanização extrafísica, condição que se refere de modo especial aos intermissivistas.

2. Padrão Pensênico e Evolução Consciencial

A essência de um sujeito extrapola determinado padrão pensênico. A consciência é mecanismo complexo que produz pensenes ininterruptamente. Porém, a produção pensênica do sujeito pode ser alterada, pois não constitui sua essência.

Assim, um sujeito que penseniza *a* pode passar a pensenizar *b*, sem significar que o sujeito que outrora pensenizava *a* deixou de ser ele mesmo, apenas transformou sua manifestação, adquirindo a maneira *b* de pensenizar, conservando a mesma essência.

Essa transformação de padrão pensênico requer transpor a barreira de valor existencial relacionada ao padrão pensênico inicial.

Portanto, o valor sentimental de existência carregado nas energias vinculadas a determinado pensamento precisa ser trabalhado para não se firmar enquanto a existência em si: *o sujeito renuncia ao*

que é para ser alguma coisa nova. O sentimento intenso em relação àquele pensamento, na determinação da autoidentidade, dificulta a transformação do padrão pensênico.

Naturalmente, esse progressivo desapego dos sentimentos vincula-se ao desenvolvimento natural do sujeito, que se reconhece cada vez mais consciência em constante mudança pensênica, rumo à sua essência, ou ao funcionamento puro de sua *paracognição*.

Nessa caminhada, ao contatar padrões diferentes, movimenta aos poucos a dinâmica de sua manifestação pensênica, conquistando domínio crescente dos sentimentos pelos pensamentos.

A consciência aprimora constantemente seu paradigma pessoal com constantes revoluções intracosciençiais que a conduzem em sua paulatina *evolução consciencial*.

Portanto, a evolução consciencial conduz a consciência de manifestação pensênica psicossomática, centrada no *sen*, para manifestação pensênica mentalsomática, centrada no *pen*, elevando a auto-lucidez e o autodomínio, harmonizando pensamentos e sentimentos.

O desenvolvimento do sujeito distancia-se do ego, pois demanda desapego do paradigma pessoal. Esse fluxo conduz também ao Universalismo, pois para que a consciência se aprimore é necessária interação com as diversas consciências, para daí extrair a base referencial externa capaz de alterar o paradigma pessoal.

Portanto, a evolução consciencial é interdependente. A consciência só superará o paradigma pessoal atual ao exercitar a manifestação de referência mais evoluída com consciências de evolutividade ou pensinidade próximas.

A consciência, para evoluir, necessita de referencial superior ao seu, que acessará ao interagir com consciência de pensinidade mais evoluída, a qual lhe servirá como referência.

O sujeito que atualmente possui padrão pensênico mais aprimorado funciona qual referencial externo homeostático aos sujeitos com os quais previamente compartilhava o padrão pensênico.

No convívio com esses sujeitos, devido à afinidade ainda existente, reconstrói o próprio paradigma pessoal, com efeito mutagênico homeostático no paradigma desses sujeitos.

Forma-se, portanto, complexo mecanismo evolutivo em que a evolução das consciências depende da interação (V. Figura 3).

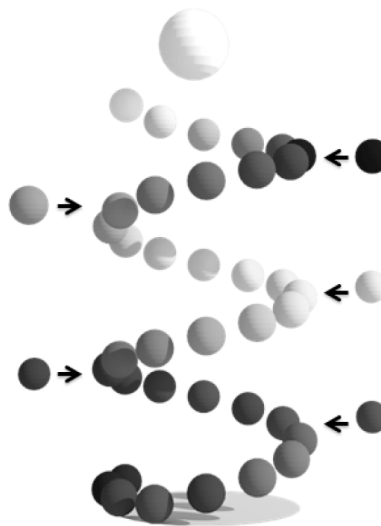


Figura 3 - Esquema do mecanismo evolutivo

Evolução consciencial implica constante superação do egoísmo e constante busca do Universalismo, aproximando-nos, na existência consciente, da essência da consciência, comum a todos os sujeitos.

PARAEPISTEMOLOGIA E AUTOPESQUISA

Na autopesquisa a consciência lida com seus pensenes, que é leitura individual, parcial e única da Realidade.

A consciência em contato com as energias constrói imagem do Mundo e sistema de ideias traduzindo o que seria a Realidade para ela mesma. É com esse conhecimento, estruturado nas experiências passadas, que a consciência se pesquisa.

Porém, sendo essa leitura parcial, bem pode a consciência equivocar-se acerca da Realidade.

No cotidiano, por vezes nos enganamos quanto ao que pensamos acerca de algo ou alguém, seja por ignorância ou preconceito. O mesmo poderia ocorrer na autopesquisa. Porém, o autopesquisador dispõe só dos próprios pensenes.

O conhecimento se constrói por degraus. Não se atinge pensenidade superior de repente, sem esforço, por simples espontaneidade ou aleatoriedade. A consciência evolui ao amadurecer paulatinamente, aprendendo com as vivências.

Portanto, mesmo que de início os pensamentos da consciência estejam muito afastados do que seria a Realidade, a consciência só tem uma opção: aceitá-los como seus e seguir seu fluxo de ideias pretendendo acelerar sua evolução.

Nesse caminho, os equívocos surgirão, pois, por mais que a consciência esteja convicta de seus pensamentos, a Realidade os corrige inexoravelmente.

Contra fatos não há argumentos. Esses erros, que só a experiência propicia, orientarão a autopesquisa da consciência, que, quando lúcida de sua evolução, reconhecerá seus equívocos e se mobilizará para a reciclagem que a nova Realidade lhe indica.

Autopesquisa produtiva requer, portanto, duas posturas. Em primeiro lugar, ser autêntico com seus pensamentos, ou seja, aceitar suas ideias. A consciência necessita, em sua autopesquisa, partir de si mesma. Em segundo lugar, ter neofilia e abertismo em relação a outras ideias. Sendo a mundividência individual e falível, o autopesquisador necessita examinar outras interpretações da Realidade que possam estar mais atualizadas que a pessoal.

A primeira postura da consciência, a autenticidade, exige contrapor-se tanto à inautenticidade quanto ao dogmatismo em relação às ideias próprias. Mostra-se antievolutivo a consciência considerar-se dona da razão. Ao se enxergar detentora da verdade, a consciência se autossabota, estagnando ao fechar-se a outras ideias e pareceres. A consciência pode muito bem expor sua pensenidade com vigor e firmeza, porém sem se colocar como fonte da verdade absoluta.

Já a segunda postura, o abertismo consciencial, exige contrapor-se ao relativismo cético, segundo o qual nenhum caminho conduz ao conhecimento. O reconhecimento das falhas deve abrir portas para a autopesquisa, não fechar. No relativismo cético, as falhas são reconhecidas, porém reduzem a consciencialidade a equívoco completo, bloqueando a evolução consciencial. O reconhecimento do erro e a abertura, ao contrário, devem impelir a consciência a autossuperações ininterruptas.

Posturas semelhantes à seguinte acabam quando se encara a autopesquisa de maneira produtiva, autêntica e aberta: *Eu até penso que exista a multidimensionalidade, inclusive* já tive algumas experiências parapsíquicas, mas pode ser tudo imaginação, melhor nada afirmar.

Na frase em questão, a consciência chega a reconhecer a possibilidade de algum tipo de experiência parapsíquica, porém continua negando sua existência. Corretamente, considera a possibilidade de pura imaginação, interpretação pessoal falha, porém detém sua autopesquisa ao desconsiderar qualquer caminho para alguma conclusão, mesmo provisória. Assim, prefere permanecer no mesmo patamar.

A postura ideal, considerando a Paraepistemologia, seria reconhecer suas experiências e ideias, tratando-as como hipóteses, não verdades absolutas. Partindo da própria experiência, a consciência se depararia com seus erros e os utilizaria para orientar a autopesquisa, não para obstar qualquer conhecimento.

Assim, a consciência se permite ser o que é, abrindo-se para ser algo maior, mais próximo de sua essência consciencial.

SOLUÇÃO DE AUTOCONFLITOS INTERPARADIGMÁTICOS

Ante duas ou mais ideias conflitantes, as bases paraepistemológicas da autopesquisa podem auxiliar a conduta da consciência.

Pelo proposto anteriormente, a consciência, em sua evolução, passa de condição mais egoica para outra mais universalista. Na evolução consciencial, o referencial de autoidentidade da consciência, o paradigma pessoal, é aperfeiçoado, construindo-se referenciais mais evoluídos.

Contudo, essa desconstrução do próprio referencial, autorruptura paradigmática, contraria o egocentrismo da consciência. A consciência pode então resistir à mudança, à reciclagem consciencial, evitando novas ideias e mantendo seu referencial típico, evolutivamente estacionado, conservando o ego na zona de conforto.

Em conflito entre ideias, quanto menos a escolha visar o ego, mais a consciência acertará em seu desenvolvimento.

Segundo a Paraepistemologia, a conquista da universalidade depende de a consciência reconhecer suas qualidades e exercê-las em sua manifestação com as outras consciências.

Não basta a consciência compreender cognitivamente determinada realidade ou verdade relativa do Cosmos, é necessário vivenciá-la; e não só vivenciá-la: compartilhá-la para a evolução geral.

Portanto, um salto na ficha evolutiva pessoal (FEP) depende da responsabilidade assumida pela consciência de exercitar, e concomitantemente transmitir, esse ganho aos outros sujeitos.

Quando a consciência compreende uma ideia que, apesar de ainda não a vivenciar, reconhece ter benefício coletivo, no qual as consciências terão seus paradigmas pessoais estimulados em direção à mudança homeostática, atrela-se a tal compreensão a responsabilidade de experimentá-la.

Suponhamos que seja compreendida nova ideia, benéfica a si e à maioria; nesse caso, não há razão para não a considerar hipótese e novo tema de autopesquisa.

Reconhecer tal ideia evolutiva sem a integrar em sua autopesquisa acarreta omissão deficitária relacionada às consciências que aproveitariam evolutivamente a neoideia.

Assim, se a consciência se depara com conflito entre ideias e visa à evolução consciencial, importa analisar qual das ideias possui menor ganho secundário ao ego, e qual lhe traz maior responsabilidade evolutiva.

Ao identificar a ideia mais universalista e que confere mais responsabilidade pessoal, a consciência necessitaria reestruturar seu referencial de autoidentidade, seu paradigma pessoal, em alinhamento à neoideia.

Nessa investida, a consciência necessita reciclar ideias que pertenciam à sua estrutura pensêmica e enfrentar o valor existencial relacionado às mesmas.

Por interferir nas raízes da personalidade, a manutenção do foco na reciclagem é previsivelmente desafiadora. Contudo, o senso de universalismo e de responsabilidade evolutiva sustenta a superação gradual e persistente de patamar menos evoluído.

Qual das duas opções paradigmáticas seguintes envolveria maior universalismo e responsabilidade na opinião do leitor?

Orientar-se pela hipótese da existência material da consciência, em apenas uma vida, relacionada ao respectivo contexto biológico e sociocultural, desintegrando-se com a morte biológica, interrompendo experiências e interações, sem nova percepção das reações do meio quanto aos seus atos passados?

Ou direcionar-se considerando a hipótese da origem extrafísica da consciência, em que o sujeito experimenta várias vidas intrafísicas, relacionadas a inúmeros contextos biológicos e socioculturais, permanecendo na dimensão extrafísica após a morte biológica, prosseguindo experiências e interações, percebendo ininterruptamente as reações do meio quanto aos seus atos passados e presentes?

CASUÍSTICA DE AUTOPESQUISA DO AUTOR

As reflexões neste artigo resultam de autovivências e conflitos deste pesquisador, habituado a refletir acerca da vida e do ser humano em seus aspectos essenciais e filosóficos, em particular sobre a produção do conhecimento.

Por volta de 2009, contactou as ideias e livros doutrinários espíritas, aprofundando-se na multidimensionalidade da consciência. Havia interesse eminentemente teórico, porém, as ideias sobre o tema eram reforçadas pelos relatos de vivências parapsíquicas de pessoas próximas.

Esboçaram-se então as ideias deste artigo, quando o autor percebeu a importância e a seriedade do tema, enxergando a responsabilidade pessoal em tratar da multidimensionalidade da consciência de maneira científica apesar dos desafios inerentes, comprometendo-se intimamente com essa tarefa.

Em 2010, conheceu o Paradigma Consciencial e o método de autopesquisa multidimensional, dedicando-se a esse estudo e produzindo as próprias experiências parapsíquicas. Presenciou também as capacidades parapsíquicas de outros pesquisadores, o que realimentou o estudo desse paradigma.

Entusiasmado com as novas possibilidades cognitivas, procurou relacionar os conceitos conscienciológicos com as dos filósofos epistemológicos, principalmente com a obra *Crítica da Razão Pura* (2012), de Immanuel Kant (1724-1804), e sua *revolução copernicana*, com a qual possui intensa afinidade de ideias.

Todavia, nessa tarefa introspectiva, a criticidade e o ceticismo filosófico conflitaram o autor com a multidimensionalidade e o materialismo, imobilizando-o quanto a qual paradigma seria mais científico e coerente para embasar as próprias condutas.

Confuso acerca do Paradigma Consciencial e seus princípios, ora considerava-os hipóteses de estudo, ora suposições de terceiros; seriam crenças autojustificadas se conduzidas ao laboratório consciencial.

Desconfiava da autocientificidade na autopesquisa multidimensional no contexto conscienciológico, pois tendia à crença nas neoideias e ao dogmatismo frente às ideias de autopesquisadores parapsíquicos veteranos.

Depois de semanas de intensas autorreflexões, buscava a maior coerência e cientificidade possível.

Assim, elaborou-se a visão sistêmica das ideias gnosiológicas aqui apresentadas, emergindo reforçada a autorresponsabilidade evolutiva e suas consequências.

Notou a relatividade de conceitos e ideias, multidimensionais ou não, entendendo a importância de superar tanto o ceticismo absoluto quanto o dogmatismo.

A capacidade de ampliação de possibilidades lógicas sem exclusão do paradigma científico convencional, a integralidade sistêmica de estudo e o potencial de reestruturação constante do Paradigma Consciencial vislumbraram-se na concepção do autor.

Os princípios do Paradigma Consciencial ainda não vivenciados assentaram-se como hipóteses de autopesquisa e deixaram de ser vistos como autocorrupção, produto de crença pessoal.

Evidenciou-se a responsabilidade de conduzir as próprias experiências e conclusões, sem fugas ou terceirizações.

Foi reconhecido que as trocas de informações entre pesquisadores, veteranos e jejunos, possibilitam enriquecimento do autoconhecimento, em contraste com a possibilidade de dogmatismo.

Assim, consolidou-se novo patamar pensênico que viabilizou a continuidade do estudo da Conscienciologia com abertismo e cientificidade.

PARAEPISTEMOLOGIA E HETEROPESQUISA

A Paraepistemologia envolve a análise da autopesquisa de outras consciências. Na autopesquisa, a comunicação e o compartilhamento de ideias geram sinergia evolutiva entre os interlocutores.

Todavia, assim como na autopesquisa, é necessário lidar com prudência e racionalidade com as ideias alheias em função de também conterem leitura parcial do Cosmos. Relacionam-se à realidade, mas são falíveis.

A heteropesquisa pode ser entendida como o estudo das ideias de outras consciências pelo paradigma pessoal, ou seja, autopesquisa frente a ideias externas à consciência, geradas pela autopesquisa de outro pesquisador. Portanto, na heteropesquisa também se aplicam os conceitos *autenticidade* e *abertismo* utilizados na autopesquisa.

Na Paraepistemologia, entende-se que determinada ideia repercutirá no referencial de auto-identidade da consciência, resultando em atração, neutralidade ou repulsão. Essas reações podem ser utilizadas pela consciência experimentadora para aumentar seu autoconhecimento.

É indispensável ter autenticidade e coerência com o que, intraconsciencialmente, suscita a ideia de outra consciência, reconhecendo o acordo ou desacordo, independentemente de haver maior ou menor correspondência com a realidade. Se a ideia possui efeito na intraconsciencialidade, o mais inteligente é aceitá-lo e lidar com o fato ativamente.

Por outro lado, sendo ideia, está sujeita a falhas, desafiando nosso abertismo em dois sentidos.

Primeiramente, se a ideia suscitar afinidade em nosso paradigma pessoal, evitemos considerá-la verdade absoluta, fechando a pensividade em seu entorno. É importante sermos críticos em relação àquela ideia, avaliando-a em nossa autopesquisa e mantendo espaço a outras ideias e interpretações.

Em segundo lugar, caso a ideia repercuta com repulsão no referencial de auto-identidade, importa ter o cuidado de examinar a sua plausibilidade, mantendo abertismo no paradigma pessoal.

Portanto, é prudente evitar aceitar qualquer ideia imediatamente, assim como rechaçá-la de pronto. No primeiro caso, pode-se cair em dogmatismo e terceirização de escolhas. No segundo, pode-se cair em ceticismo radical improdutivo.

Como se trata de autopesquisa multidimensional, se os pareceres de pesquisadores mais veteranos parapsiquicamente forem interiorizados pela consciência autopesquisadora diretamente como verdade, sem aprofundamento, *a consciência pode se tornar dependente da análise de outros, perdendo autonomia em sua autopesquisa.*

Assim, a consciência pode aceitar vários conceitos e ideias de maneira passiva e superficial e, mesmo que correspondam à realidade, terão estrutura frágil e ilusória no referencial da consciência.

O paradigma pessoal, nesse caso, não se transforma, e as ideias acabam trabalhadas de maneira virtual, não real. As ideias apenas ganham valor e significado quando integram o paradigma pessoal da consciência.

Em se tratando da pesquisa de experiências parapsíquicas pessoais, os pareceres contrários a tal formato de pesquisa, provenientes de pesquisadores materialistas reconhecidos pela comunidade científica, podem inibir a autopesquisa de consciências que se julgam cognitivamente aquém desses pesquisadores, retirando o mérito e a importância de sua autopesquisa frente ao julgamento da comunidade científica.

A consciência que boicota a própria autopesquisa devido a antagonismo acadêmico mostra-se também dogmática ao considerar a ideia alheia verdade absoluta, subestimando e não trabalhando o paradigma pessoal.

Já a consciência que rejeita outras ideias sem analisá-las com sinceridade em sua autopesquisa furta-se a conceitos que lhe possam ampliar o senso de realidade; ao restringir a pensividade, o paradigma pessoal estaciona.

A consciência perde oportunidade de compreender melhor outra visão, pois poderia expor as razões da divergência, exercitando ambas as partes da comunicação de modo mais produtivo.

Outro aspecto também presente na autopesquisa que poderia ser aplicado na heteropesquisa é a interpretação dos ganhos secundários que aquela ideia propicia, bem como se suscita maior responsabilidade no indivíduo.

O que faço com as ideias alheias? Aceito-as prontamente? Rechaço-as tão logo as ouço? Ou analiso-as de maneira lógica filtrando o que parece útil em minha autopesquisa?

Contatando outras ideias, observo seu efeito no próprio ego? Traz ganho secundário ou acumula ganhos evolutivos? Aumenta a responsabilidade ou mantém a consciência no mesmo patamar, deixando-a na zona de conforto?

AUTORRESPONSABILIDADE EVOLUTIVA

A consciência costuma viver constante balanço de ideias; numa ponta estão os vícios e equívocos; na outra, os acertos e coerências. Na evolução pessoal, a consciência ruma à segunda. Porém, aí chegando, o que outrora era acerto pode tornar-se equívoco e surge nova meta mais coerente que passa a norteá-la.

Assim, possuir qualquer verdade poderia ser mito, pois qualquer verdade, por mais sofisticada, é temporária e relativa a determinado contexto. A consciência lida exclusivamente com verdades relativas de ponta, ideias consideradas as mais avançadas para determinado nível evolutivo.

Talvez a consciência chegue a alguma verdade última. Mas, em caráter prático, essa é questão não prioritária no atual momento evolutivo, pois está fora do alcance da experiência, o que não significa que não se pode estudar ou refletir sobre tal questão.

Aplicando teoricamente os conceitos da Paraepistemologia nesse caso, o referencial da consciência, que possui verdade relativa, ou seja, correspondência parcial com a realidade, necessitaria desenvolver-se ao ponto de se tornar sincrônica com a própria realidade do Cosmos.

Não é o prioritário o fato de a escolha ser mais correspondente com a realidade ou menos.

A consciência possui ideias, atitudes, hábitos e valores que compõem seu referencial de auto-identidade, constituindo seu paradigma pessoal. Tais referências possuem alguma correspondência com a realidade.

Sua depuração, visando à correspondência crescente com a realidade, depende do envolvimento da consciência com esses fatores. Portanto, depende do autoconhecimento da consciência e de sua persistência na autopesquisa para se reciclar. Associado a cada novo fator do referencial construído surge nova meta de reciclagem consciencial.

Importa a consciência convergir consigo, assumindo sua personalidade, implicando reconhecer suas ideias enquanto reconhece a limitação das mesmas.

Os pensenes da consciência são ininterruptamente contrastados com a realidade no contato sujeito-objeto. Esse contraste é perceptível à consciência autopesquisadora. Com sua racionalidade, seu objetivo de evolução e sua vontade, a consciência supera os valores existenciais vinculados nos pensenes atuais, galgando novo e mais evoluído padrão pensênico.

Assim, a realidade, ou o mundo externo, fonte de informações para a consciência, inunda-a de pistas acerca dos equívocos pessoais, que se evidenciarão à consciência lúcida, embasando novo salto evolutivo.

O entendimento do mecanismo da formação da auto-identidade pela interação entre sistemas de pensenes liberta a consciência e gera responsabilidade.

A libertação decorre de a consciência controlar sua manifestação. Como toda mudança só ocorre pela vontade pessoal, a consciência só pode recorrer a si mesma para tal reciclagem. Ou seja, a evolução consciencial é responsabilidade pessoal. O ambiente pode favorecer ou reprimir a consciência em sua evolução. Porém, em qualquer caso, o desfecho depende da própria consciência.

Portanto, os conceitos da Paraepistemologia auxiliam na compreensão do conceito de autor-responsabilidade evolutiva.

A maneira como a consciência lidará com seus pensenes cabe unicamente a ela. Restringir-se aos próprios pensamentos ou abrir-se a outras ideias é opção pessoal contínua. Da mesma forma, como lidará com os pensenes externos, se dependerá da visão de terceiros ou se controlará a própria existência, é de sua exclusiva responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O parapsiquismo pode ser estudado segundo diferentes enfoques. Estes estudos podem ser conduzidos no paradigma científico convencional, separando sujeito e objeto, representados pela Parapsicologia e Psicologia Anomalística, ou através da autopesquisa, convergindo o objeto no próprio sujeito, possível na Conscienciologia.

Ambas as modalidades requerem desenvolvimento epistemológico para embasar filosoficamente a prática da ciência proposta.

Pela autopesquisa o sujeito aproxima-se de fato do conhecimento sobre si mesmo. A Conscienciologia propõe ciência da autopesquisa multidimensional e, enquanto Ciência, necessita de base epistemológica para suas pesquisas. A Paraepistemologia é uma forma de construir essas bases.

No ensaio gnosiológico deste artigo, o conceito de construção de autoidentidade, ou do paradigma pessoal, pela interação entre referenciais pensênicos, auxilia na autopesquisa, principalmente por dar ao sujeito pesquisador liberdade e responsabilidade pela própria autopesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Almeida, Roberto; *Transição epistemologia-paraepistemologia: fundamento para verponogenia*; Revista *Conscientia*; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; vol. 15; n. 1; jan./mar.; 2011; páginas 20 a 34.
2. Araújo, Inês Lacerda; *Curso de teoria do conhecimento e epistemologia*; Minha Editora; Barueri, SP; 2012; páginas VII a XIV.
3. Camillo, Regina; *A Cognição Multidimensional e o Modelo Paraepistemológico Evolutivo*; I Simpósio de Paraciência; 17 e 18 de maio de 2014; Anais; 88 p.; 5 enus.; 6 fig.; 13 refs.; Associação Internacional de Psicologia para Megaconscientização; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 9-27.
4. Capra, Fritjof; Luisi, Pier Luigi; *A Visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas* (*The systems view of life*); tradução Mayra Teruya Eichemberg, Newton Roverbal Eichemberg; São Paulo, SP; Cultrix (Coleção Polêmica); 2014; páginas 43 a 45.
5. Chibeni, S. S.; Moreira-Almeida, A.; *Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos “anômalos” na psiquiatria*; Revista de Psiquiatria Clínica; São Paulo, SP; n. 34, supl. 1; 2007; páginas 8 a 16. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a03v34s1.pdf>>; acesso em 05/fevereiro/2015.
6. Kant, Immanuel; *Crítica da Razão Pura* (*Kritik der reinen Vernunft*); tradução e notas de Fernando Costa Mattos; Vozes; Petrópolis, RJ; & Universalista São Francisco; Bragança Paulista, SP; Coleção Pensamento Humano; 2012.
7. Khun, Thomas S.; *A Estrutura das Revoluções Científicas* (*The structure of scientific revolutions*); tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira; 12ª Ed.; Perspectiva; São Paulo, SP; 2013; páginas 15 a 19.
8. Moreira-Almeida, A.; *Explorando a relação mente-cérebro: reflexões e diretrizes*; Revista de Psiquiatria Clínica; São Paulo, SP; vol. 40, n. 3; 2013; páginas 105 a 109. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v40n3/05.pdf>>; acesso em 05/fevereiro/2015.
9. Schlosser, Ulisses. *Categorização Paraepistemológica dos Táxons da Imagetologia na Clarividência: Parapercepto, Percepto, Paraimago, Imago, Paraconstructo e Constructo*; Revista *Conscientia*; CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; vol. 15; n. 1; jan./mar.; 2011; páginas 195 a 207.
10. Schwartz, G. E.; Miller, L.; Beauregard, M.; *International summit on post-materialist science, spirituality, and society: summary report* (*Manifest for a Post-Materialist Science – Summary Report*). Final draft, May 21, 2014. Disponível em: <<http://opensciences.org/files/pdfs/ISPMS-Summary-Report.pdf>>; acesso em 07/julho/2016.
11. Silva, F. E.; *Ressurge a psicologia anomalística*. Revista Contato; Conselho Regional de Psicologia do Paraná; ano 17; edição 100; jul/ago 2015; páginas 30 a 34. Disponível em: <<http://portal.crprr.org.br/editor/ArtigoPsicologiaAnomalistica.pdf>>; acesso em 07/julho/2016.
12. Tart, Charles T.; *O fim do materialismo: como as evidências científicas dos fenômenos paranormais estão unindo ciência e espiritualidade* (*The end of materialism*); prefácio Kendra Smith, Huston Smith; tradução Jefferson Luiz Camargo; São Paulo; Cultrix; 2012.
13. Tinoco, Carlos Alberto; *Parapsicologia e ciência*; IBRASA; São Paulo, SP; 1993.
14. Van Doren, Charles; *Uma breve história do conhecimento* (*A history of knowledge*); Rio de Janeiro, RJ; Casa da Palavra; 2012; páginas 216 a 246.

15. **Victorino, C. G.**; *Uma introdução à neurofilosofia: o problema mente-corpo*; Revista da Biologia; volume 3; dez. 2009; doi: 10.7594/revbio.03.04. Disponível em: <www.ib.usp.br/revista/system/files/x5%20neurofilosofia.pdf>; acesso em 25/abril/2016.
16. **Vieira, Waldo**; *Projeciologia: panorama da experiência da consciência fora do corpo humano*; 10ª Ed.; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2009.
17. **Idem** (Org.); *Paraepistemologia*; verbete; In: *Enciclopédia da Conscienciologia*; Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2012.
18. **Vugman, Ney Vernon**; *Entre a Ciência Convencional e a Neociência Conscienciologia*; Artigo; *Interparadigmas: A Revista de Doutores da Conscienciologia*; Anuário; Vol. 1; N. 1; editor-chefe Alexandre Zaslavsky; 19 refs; Ed. Especial; Princípio da Descrença; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu; 2013; páginas 5 a 23.

